

Educação e preocupação suprema a partir da música “Cidadão” de Lucio Barbosa

Elton Vinicius Sadao Tada*

Veronica Regina Müller**

RESUMO

O presente artigo trata sobre as relações entre educação e preocupação última a partir da música “Cidadão” de Lucio Barbosa. A música é utilizada como porta de entrada para a reflexão filosófico-teológica que se desenvolve a partir da Teologia da Cultura, de Paul Tillich, ou seja, considerando no formato cultural uma expressão de princípios religiosos que podem ser alcançados a partir do trabalho hermenêutico. No trabalho de análise são utilizadas ferramentas metodológicas tanto da fenomenologia quanto da hermenêutica.

Palavras-chave: Paul Tillich; Lucio Barbosa; Teologia da Cultura; Educação; Preocupação última.

Education and ultimate concern from the song “Cidadão” (Citizen) by Lucio Barbosa

ABSTRACT

The present paper deals with the relations between education and ultimate concern parting from the music “Cidadão” from Lucio Barbosa. The Song is utilized as an entry door to the philosophic-theological reflection that is developed from the Paul Tillich’s Theology of Culture, therefore, considering the expression of religious principles in cultural format, which can be achieved by hermeneutical work. In the analysis work are utilized methodological tools from phenomenology and hermeneutics.

Keywords: Paul Tillich; Lucio Barbosa; Theology of Culture; Education; Ultimate Concern

* Teólogo, licenciado em Filosofia. Mestre e Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. E-mail: eltontada@hotmail.com. Universidade Estadual de Maringá.

** Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Maria. Mestrado em Educação pela PUC-RS. Doutorado e pós-doutorado em História da educação Social Contemporânea pela Universidad de Barcelona. E-mail: veremuller@gmail.com. Universidade Estadual de Maringá.

Introdução

Esse trabalho se insere na discussão da Teologia da Cultura, com uma reflexão específica sobre a preocupação última/suprema. O objeto a ser analisado é uma música intitulada “cidadão”, de autoria de Lucio Cardoso e conhecida por suas diversas regravações. Para a presente análise utilizamos a versão lançada em 1979 por Zé Geraldo em seu álbum “Terceiro mundo”.

Na esteira tillichiana partimos do princípio de que a obra cultural não deve ser analisada a partir de seus critérios estéticos, pois esse trabalho caberia ao crítico de arte com ferramental teórico para tal discussão. O que a hermenêutica teológico-filosófica se propõe a fazer é estudar o problema religioso contido nessa expressão cultural, pois “o teólogo enquanto teólogo, não é especialista em nenhum assunto de preocupação preliminar” (TILLICH, 2005, p.30). Esse é o ponto que toca a questão da preocupação suprema, uma vez que o religioso é justamente aquilo que preocupa o ser humano de forma última, enquanto o cultural/estético é o que o preocupa de forma parcial.

Para o desenvolvimento desse texto, vamos separar dois momentos. O primeiro momento é de exposição e contextualização da música “Cidadão”, sendo que no segundo momento se problematizará a relação entre educação e preocupação suprema levando em conta as noções tillichianas de preocupação suprema e educação e os questionamentos surgidos na análise da música.

A música Cidadão de Lucio Barbosa

Primeiramente é importante notar que existe uma certa dificuldade de alcance de informações finais sobre a música “Cidadão” dada sua pluralidade de regravações e a dificuldade de acesso a documentos originais do cancionário popular brasileiro. Por isso, a versão utilizada é a de Zé Geraldo, que por sua data de lançamento - 1979 - aparenta ser a primeira gravação conhecida da música. Posteriormente essa música ganharia versões de Luiz Gonzaga e Zé Ramalho, por exemplo.

Como as informações a respeito do compositor Lucio Barbosa são limitadas, utilizaremos o lançamento por Zé Geraldo como ponto referencial. Nesse sentido, a abordagem de cunho mais fenomenológico tende a dialogar mais com o eu-lírico, sendo que as construções de sen-

tido interno e as proposições de releitura hermenêutica dependem mais do olhar que se lança a partir da presente reflexão do que da própria reconstrução histórica da composição da canção.

Por isso, podemos, feitas as ressalvas anteriores, olhar diretamente para a letra da música:

‘Tá vendo aquele edifício, moço?
Ajudei a levantar
Foi um tempo de aflição
Era quatro condução
Duas pra ir, duas pra voltar
Hoje depois dele pronto
Olho pra cima e fico tonto
Mas me vem um cidadão
E me diz, desconfiado
Tu ‘tá aí admirado
Ou ‘tá querendo roubar?
Meu domingo ‘tá perdido
Vou pra casa entristecido
Dá vontade de beber
E pra aumentar o meu tédio
Eu nem posso olhar pro prédio
Que eu ajudei a fazer
‘Tá vendo aquele colégio, moço?
Eu também trabalhei lá
Lá eu quase me arrebento
Fiz a massa, pus cimento
Ajudei a rebocar
Minha filha inocente
Vem pra mim toda contente
Pai, vou me matricular
Mas me diz um cidadão
Criança de pé no chão
Aqui não pode estudar
Essa dor doeu mais forte
Por que é que eu deixei o norte?
Eu me pus a me dizer
Lá a seca castigava
Mas o pouco que eu plantava
Tinha direito a comer
‘Tá vendo aquela igreja, moço?
Onde o padre diz amém
Pus o sino e o badalo

Enchi minha mão de calo
Lá eu trabalhei também
Lá foi que valeu a pena
Tem quermesse, tem novena
E o padre me deixa entrar
Foi lá que Cristo me disse
Rapaz deixe de tolice
Não se deixe amedrontar
Fui eu quem criou a terra
Enchi o rio, fiz a serra
Não deixei nada faltar
Hoje o homem criou asa
E na maioria das casas
Eu também não posso entrar
Fui eu quem criou a terra
Enchi o rio, fiz a serra
Não deixei nada faltar
Hoje o homem criou asas
E na maioria das casas
Eu também não posso entrar

A letra da música pode ser dividida em três momentos: 1) a narrativa do edifício - estrofes 1, 2 e 3 - , 2) a narrativa da escola - estrofes 4, 5 e 6 - e 3) a narrativa da igreja - estrofes 7, 8, 9 e 10. Essa divisão é útil para entendermos três críticas que são tensionadas no interior da letra. A primeira crítica é direcionada ao capital e à lógica excludente da propriedade privada. A segunda crítica é direcionada à educação e, de certo modo, ao Estado pelo encurtamento de seu braço ante à pobreza na garantia da educação universal. A terceira crítica é direcionada aos limites da religiosidade.

Veremos essas três críticas primeiramente de maneira isolada. Entretanto, antes disso é importante notar quem são os sujeitos presentes na narrativa. O primeiro e mais presente é o trabalhador, aquele que trabalhou na construção do edifício, da escola e da igreja. O segundo sujeito é Cristo, que se identifica como criador e rejeitado nas estrofes 9 e 10. Apesar de serem essas as duas únicas vozes presentes na música, há sujeito oculto, que é o ouvinte/leitor a quem são direcionadas as três questões que introduzem a narrativa do trabalhador: “Tá vendo aquele edifício, moço? / ‘Tá vendo aquele colégio, moço?/ ‘Tá vendo aquela igreja, moço?”. Dentro da narrativa do trabalhador encontramos

mais um sujeito importante, a criança, filha do trabalhador, que de pé no chão desejou se matricular no colégio. O quinto e último sujeito é uma espécie de categoria, o cidadão, que dá título à música e aparece em dois momentos, no edifício e no colégio, com caráter negativo.

Podemos passar agora para a análise das três críticas contidas na letra da música. A primeira crítica se dá sobre o capital, ou sobre a forma como a propriedade privada é tratada na sociedade brasileira. Essa crítica se constrói com base no argumento de que o trabalhador que construiu o edifício não pode admirá-lo sem ser considerado suspeito por um “cidadão”. O trabalhador aponta para as condições relacionadas ao trabalho: “Foi um tempo de aflição/ Era quatro condução/ Duas pra ir, duas pra voltar”. Primeiramente, a distância entre a casa do trabalhador e a obra indica a exclusão geográfica das grandes cidades, nas quais os mais pobres vivem em periferias distantes do centro. Essa não é, de modo algum, um evento isolado, mas uma realidade comum dos trabalhadores brasileiros. Além disso, a falta de concordância verbal no verso “era quatro condução”, apresenta um trabalhador com baixa escolaridade.

Esse trabalhador com um provável acesso limitado à educação se estonteia ao admirar o tamanho do edifício no qual trabalhou. E nessa situação é confrontado pelo “cidadão”: “Mas me vem um cidadão/ E me diz, desconfiado/ Tu ‘tá aí admirado/ Ou ‘tá querendo roubar?”. Essa situação poderia ser lida como um retrato da desconfiança ante aos índices de violência urbana, mas na verdade, preferimos olhá-lo de outra forma. A clássica formulação de que o trabalhador muitas vezes não tem condições financeiras para consumir o fruto de seu próprio trabalho é extremada, uma vez que nesse caso o trabalhador não pode nem mesmo admirar o fruto de seu trabalho sem ser suspeito. A exclusão da dinâmica de posse em relação ao valor atribuído ao trabalhador consiste em um abismo absoluto, no qual o sujeito que trabalha é extremamente desvalorizado em relação ao sujeito que consome seu trabalho. Há a presença aqui de uma exclusão não apenas econômica, mas existencial, afetando o sentido da existência do sujeito trabalhador.

A reação do trabalhador à sua situação demonstra um entristecimento: “Meu domingo ‘tá perdido/ Vou pra casa entristecido/ Dá vontade de beber/ E pra aumentar o meu tédio/ Eu nem posso olhar pro prédio/ Que eu ajudei a fazer”. Por um lado, o entristecimento não

significa uma percepção absoluta de fragmentação do ser. Talvez o fato de querer beber mostre uma reação de fuga mais forte do que de choque com o sentido da existência. Há, sem dúvida, um incômodo, mas não necessariamente um choque que leve a uma preocupação final.

Vejam agora a segunda crítica, aquela que é voltada para a educação e ao trabalho do Estado em relação à educação. O trabalhador continua narrando sua história para seu interlocutor, o “moço”. Ele diz que trabalhou na construção do colégio e afirma que: “lá eu quase me arrebento”. Essa afirmação tem sentido de mostrar a intensidade do trabalho. Poderia ser uma exposição sobre a segurança no trabalho e a proximidade de um acidente, mas nos versos seguintes ele diz “fiz a massa, pus cimento/ ajudei a rebocar”, mostrando assim as diversas funções que exerceu na construção. Nesse sentido é possível entender que ele “quase se arrebentou” por conta da intensidade do trabalho.

Na sequência surge uma personagem muito importante para a reflexão aqui proposta, a filha do trabalhador: “Minha filha inocente/ Vem pra mim toda contente/ Pai, vou me matricular”. Note que o trabalhador adjetiva sua filha como inocente e mostra que ela estava contente com a possibilidade de se matricular. Pelo sentido interno da narrativa tanto a inocência quanto a felicidade da menina estariam relacionadas à possibilidade de estudar naquele colégio. Esse contentamento é frustrado pela negativa na tentativa de matrícula: “Mas me diz um cidadão/ Criança de pé no chão/ Aqui não pode estudar”. Como o “Cidadão” afirma que “aqui” não pode estudar, podemos entender que se tratava de uma pessoa interna ao colégio, ou seja, um membro da equipe de colaboradores, um funcionário do local. Isso aponta para o fato de que o trabalhador entrou no colégio para questionar sobre a possibilidade de matrícula. Não há a informação se o colégio se tratava de uma instituição pública ou privada. O que há é a marca de um corte social explícito. O elemento utilizado para a negativa da matrícula é a “criança de pé no chão”, ou seja, a criança pobre sem condições de comprar sapatos.

Na última parte dessa crítica, existe a reflexão feita pelo trabalhador a partir da negativa ao sonho de sua filha de estudar naquele colégio: “Essa dor doeu mais forte/ Por que é que eu deixei o norte? / Eu me pus a me dizer”. Alguns elementos nos chamam a atenção nesse trecho. Primeiramente o fato de essa dor doer mais forte. No caso, essa

negativa, voltada para a filha do trabalhador teria sido mais dolorosa para ele do que a suspeita anterior que ele recebeu ao admirar o prédio que ele havia trabalhado. Nesse sentido, a negativa ao acesso de sua filha à educação lhe afetou mais do que quando suspeitaram que ele pudesse ser um bandido. Se aquela suspeita havia “destruído seu domingo” e dado vontade de beber, ou seja, de se anestesiarem, nesse caso ela leva a uma profunda reflexão sobre o sentido de sua vida e seu destino. Agora ele passa a questionar “Por que é que eu deixei o norte?”, e essa questão representa sua busca por sentido. Se, quem migra o faz a partir de um desejo de melhoria nas condições de vida, nesse caso, parece que o trabalhador encontrou uma piora em sua vida.

A justificativa para essa compreensão de piora em sua condição vem quando ele explica que “Lá a seca castigava/ Mas o pouco que eu plantava/ Tinha direito a comer”. Nesse caso, há uma indicação direta de que a problematização está na relação entre trabalho e direitos. Ele não está dizendo que no Norte sua filha teria um melhor acesso à educação, mas que lá, ante à dinâmica natural do trabalho, o que ele plantava poderia comer. Isso é um indicativo de que mesmo diante das limitações da natureza, o Norte seria um local mais justo do que onde agora ele se encontrava.

O tamanho do sofrimento do trabalhador nos mostra que ele também não dominava intelectualmente as dinâmicas da restrição social de acesso à educação, de modo que, apesar de ele dizer da filha que ela poderia ser adjetivada como inocente, havia também uma inocência nele próprio. Esse momento nos mostra uma reflexão de sentido de vida mais profunda, algo mais próximo do que podemos entender tillichianamente como preocupação suprema. A justiça foi um elemento tematizado por Tillich na sua relação com o poder e o amor, sendo algo relevante para a reflexão religiosa.

A terceira crítica é voltada para os limites da religião. Por um lado, a Igreja é retratada como uma figura de redenção na lógica da canção, uma vez que as experiências com o edifício e com a escola haviam sido experiências negativas, e a experiência com a Igreja é positiva. Mais uma vez, o trabalhador evoca seu interlocutor, o “moço”. Ele afirma que o trabalho na igreja também foi árduo, mostrando que “Pus o sino e o badalo/ Enchi minha mão de calo”, mas mostra também que “Lá

foi que valeu a pena”, pois “Tem quermesse, tem novena/ E o padre me deixa entrar”. O acesso ao resultado de seu trabalho é o elemento justificador na perspectiva do trabalhador.

Na igreja, o trabalhador narra um encontro com a figura de Cristo: “Foi lá que Cristo me disse/ Rapaz deixe de tolice/ Não se deixe amedrontar”. A palavra de coragem de Cristo tem base também em uma percepção crítica ante aos limites da religiosidade humana contrastando com a totalidade da criação: “Fui eu quem criou a terra/ Enchi o rio, fiz a serra/ Não deixei nada faltar/ Hoje o homem criou asa/ E na maioria das casas/ Eu também não posso entrar”. Aqui percebe-se que Cristo é rejeitado na maioria das casas, mesmo ante ao poder da criação. Isso aponta para uma injustiça absoluta na dinâmica da sociedade e tem como centro a forma como o ser humano encara a liberdade, uma vez que o argumento demonstrativo do problema é o fato do homem ter criado asas.

O último trecho da música é repetido, mostrando uma ênfase na narrativa de Cristo sobre a criação e a injustiça do ser humano com asas que não o deixa acessar sua casa. Há uma comparação de Cristo entre o trabalho e o direito ao acesso, mas essa comparação é indicativa de uma condição geral do ser humano, a condição de injustiça. Por isso, não é dada uma resolução ao problema enfrentado pelo trabalhador, mas uma indicação de que é necessário ter coragem ante às condições da existência. Sem dúvidas, essa perspectiva ressoa com o pensamento tillichiano que afirma já em sua maturidade uma perspectiva existencial de coragem de ser.

Agora, após termos olhado para as partes da música isoladamente, podemos problematizar o tensionamento e a circularidade que existem na mesma, adentrando de forma mais direta o problema hermenêutico do sentido da vida em relação à preocupação suprema.

Educação e preocupação suprema

Em seu livro Teologia da Cultura, Paul Tillich separa um capítulo para falar de uma Teologia da educação. Basicamente, o que ele faz é expor as tradições educacionais e apontar caminhos para elas, problematizando através delas a questão religiosa:

Paul Tillich, em sua obra *Teologia da Cultura*, apresenta aquilo que ele chama de uma teologia da educação. É um texto breve que explica a educação ocidental a partir de uma tripla divisão, a saber, a educação técnica, a educação humanista e a educação indutiva (TILLICH, 2010, p.197). Com essa tripla divisão Tillich dirige uma crítica específica à educação religiosa. Essa crítica é desenhada a partir da ideia de que o ensino religioso parte de dois problemas fundamentais. O primeiro é o fato de dar respostas a perguntas que não foram feitas por alunos. Os dogmas, o sistema teológico, os conceitos de Deus, salvação e Igreja não foram questões elaboradas pelos discentes, e mesmo assim são ensinadas. O segundo problema é o trabalho com a linguagem mítica da religião. Nesse sentido, o autor afirma que o desafio reside no fato de desmistificar o literalismo da linguagem religiosa sem perder o símbolo religioso (TILLICH, 2010, p. 205-207) (TADA, MULLER, 2019, 114-115).

Ao criticar a educação religiosa, Tillich aponta que a mesma deve aceitar que a educação humanista deve fazer parte de seu bojo, pois ela tem como base fundamental a pergunta pelo ser. Em seguida, aponta que “as escolas da igreja com sua educação indutiva têm aqui importante função. Compete-lhes abrir os níveis subconscientes dos alunos para o supremo mistério do ser” (TILLICH, 2009, p.207). Abrir os níveis subconscientes para o supremo mistério do ser, nesse caso, significa basicamente oferecer sentido para os símbolos religiosos a partir dos quais os alunos possam ter suas legítimas experiências de preocupação suprema, ou seja, suas experiências religiosas.

No exercício analítico que fizemos no tópico anterior, vimos três momentos de crítica presentes na música. O primeiro seria em relação ao edifício, que simboliza o capital e a propriedade privada, o segundo seria o colégio, que indica a educação e os limites do Estado e o terceiro seria a igreja, que indica os limites da religião. Esses três princípios possuem uma tensão interna, sobretudo entre os dois primeiros, que apresentam caráter negativo e o terceiro que apresenta uma experiência positiva. A primeira leitura que poderíamos fazer a respeito desse tensionamento é de que a vida secular representa uma experiência negativa, enquanto na vida religiosa há uma experiência positiva. Por mais que essa possa ter sido a intenção primeira do autor da letra, vamos passar por essa leitura, pois a abordagem fenomenológico-hermenêutica que adotamos no presente trabalho nos permite olhar para outras camadas do sentido da canção.

A música narra a experiência existencial de um trabalhador que sai do “norte” - provavelmente algum local do interior do nordeste brasileiro, pelas características de seca narrados - para trabalhar no “Sul”, provavelmente em algum grande centro do sudeste brasileiro, movimento comum de migração da geografia brasileira no século XX. Essa saída indica uma busca de melhores condições de vida, na qual se sai de um local de difícil agricultura, por questões climáticas, para um local de amplo desenvolvimento econômico, os grandes centros desenvolvimentistas nacionais. Contudo, a experiência será negativa, pois nesses locais de desenvolvimento econômico não há justiça econômico-social, de modo que o trabalhador não pode acessar os frutos de seu trabalho.

O choque com a realidade existencial no grande centro desenvolvimentista leva o trabalhador a uma reflexão profunda em relação ao sentido de justiça e ao sentido de valor dado à sua existência a partir da limitação do valor de seu trabalho. Essa frustração com a ausência de justiça com a iniquidade estrutural do modelo socioeconômico leva o trabalhador a um encontro com Cristo, que o anima e lhe apresenta sua própria realidade de frustração em relação à iniquidade do ser humano.

Cristo, no sentido apresentado pela canção, poderia ser interpretado em sentido mitológico, como na primeira interpretação possível, a qual decidimos superar, em que a experiência da vida religiosa é opositiva enquanto a experiência secular é negativa. Com o ferramental do pensamento tillichiano, podemos entender o sentido religioso que há por trás da linguagem mitológica utilizada na canção.

Em sua Teologia Sistemática, Tillich afirma que:

Agora surge a questão: qual é o conteúdo de nossa preocupação última? O que de fato nos preocupa incondicionalmente? A resposta, obviamente, não pode ser um objeto, nem mesmo Deus, pois o primeiro critério da teologia deve permanecer formal e geral. Se devemos dizer algo mais sobre a natureza de nossa preocupação última, temos que derivá-lo de uma análise do conceito “preocupação última”. Nossa preocupação última é aquilo que determina nosso ser ou não-ser. Só são teológicas aquelas afirmações que tratam de seu objeto na medida em que este possa se tomar para nós uma questão de ser ou não-ser. Este é o segundo critério formal da teologia.

Nada que não tenha o poder de ameaçar e salvar nosso ser pode ser para nós de preocupação última. O termo “ser”, neste contexto, não designa existência no tempo e no espaço. A existência é continuamente ameaçada e salva por coisas e eventos que não são de preocupação última para nós. O termo “ser” significa a totalidade da realidade humana, a estrutura, o sentido e a finalidade da existência. Tudo isso está ameaçado; pode ser perdido ou salvo. O ser humano está preocupado de forma última com seu ser e sentido. “Ser ou não ser”, neste sentido, é uma questão de preocupação última, incondicional, total e infinita. O ser humano está infinitamente preocupado pelo infinito ao qual pertence, do qual está separado e pelo qual anseia. O ser humano está totalmente preocupado pela totalidade que é seu verdadeiro ser e que está rompida no tempo e no espaço. O ser humano está incondicionalmente preocupado por aquilo que condiciona seu ser para além de todos os condicionamentos que existem nele e ao redor dele. O ser humano está preocupado de forma última por aquilo que determina seu destino último para além de todas as necessidades e acidentes preliminares (TILLICH, 2014, p.31-32).

Com essa afirmação podemos ver que o conteúdo religioso está presente a partir da preocupação da quebra absoluta de sentido da existência. Na análise anterior vimos que a primeira situação gerou uma tristeza profunda no trabalhador da canção. Todavia, foi na segunda situação, a negativa da matrícula de sua filha, que houve um choque profundo com o sentido de seus movimentos existenciais.

Podemos perguntar então a motivação para a negativa da matrícula da filha do trabalhador ser o motivo para o surgimento de sua preocupação existencial profunda. Essa negativa não ameaça a vida do trabalhador no sentido de morrer, mas ameaça o sentido de sua jornada de vida, de sua saída do norte rumo ao sul desenvolvimentista em busca de melhores condições. O trabalhador é proletariado, ou seja, aquele que centra seus sentidos em sua prole. Quando os direitos de acesso a seu trabalho são negados exclusivamente a ele, há um entristecimento consequente. Entretanto, quando esses direitos são negados a sua filha, há uma quebra de sentido, pois sua esperança reside no fato de que sua filha não passe pelas mesmas condições existenciais que ele passou. Então, ao ver direitos negados a ela, ele percebe que sua existência está perdendo seu sentido de forma mais ampla.

Um segundo ponto a ser notado é que a educação para a criança, na qual ele possivelmente foi limitado, seria em seu sistema de pensamento

a chave para romper com a estrutura de iniquidade socioeconômica, permitindo assim uma vida mais justa e mais dotada de sentido. Ele só percebeu as estruturas de iniquidade quando seus direitos lhe foram negados, especialmente o direito de sua filha ao estudo. Entretanto, se olharmos para o movimento de circularidade que há na história de vida do pai que passa para a filha, a negativa da mesma à educação indica uma continuidade da condição de supressão de direitos. A educação, nesse sentido, poderia ser a melhor forma de lidar com a inocência, tanto do pai quanto da filha, em relação às negativas da vida, pois ela poderia fornecer ferramentas de questionamento e reflexão sobre o ser e sobre os símbolos religiosos de modo a apresentar a profundidade abissal da condição humana e as respostas possíveis para mesma.

Assim, podemos refletir que a educação enquanto política pública e fenômeno cultural não pode ser pensada como mais uma ferramenta para a estrutura de iniquidade desenvolvimentista, pois nesse caso, ela levaria a profundas rupturas de sentido existencial não apenas de um indivíduo, mas de diversas pessoas nas correntes circulares dos ciclos da história. Há de se elevar, portanto, o caráter existencial da educação, e especialmente o caráter existencial da educação para a infância no contexto brasileiro, em que há uma lógica econômica iníqua e sustentadora das disparidades socioeconômicas.

O terceiro ponto é de compreensão de que a religião e a experiência religiosa não são uma saída mágica na qual há um alívio imediato de todas as problemáticas da vida. Ela é o caminho no qual se encontra ferramentas para assimilar as ambiguidades da vida, que são por si só ameaçadoras, mas que são também acentuadas a partir de estruturas iníquas.

Considerações finais

Segundo Tillich a Cultura é o local no qual existe a revelação dos conteúdos religiosos que permeiam a existência do ser humano. O autor segue um clássico formato de relação entre forma e conteúdo, no qual a expressão cultural compõe o âmbito da forma enquanto a profundidade religiosa é colocada na base da experiência existencial. Por isso, é possível a partir de um trabalho hermenêutico encontrar elementos religiosos em produções culturais que não necessariamente possuem um formato religioso.

No caso da canção analisada, vimos que a experiência do trabalhador brasileiro em sua experiência de vida e sua relação com o conteúdo

de seu trabalho foi expressa por meios poéticos como uma experiência de encontro profundo com o sentido ou a falta de sentido da existência humana. Essa relação ambígua expressa o caráter de significativo encontro com o não-ser, o choque existencial fundamental para a questão religiosa que é a questão que se aponta para o Ser-em-si.

A preocupação suprema é a atitude humana que surge ante ao choque com o não-ser quando há, nesse encontro, uma expressão do fenômeno religioso. Nesse sentido, a possibilidade do surgimento da fé ativa, dinâmica, é derivada dessa experiência marcante que não é sobrenatural, mas resultado da experiência mesma do existir.

Na canção analisada a experiência da preocupação suprema e o encontro com Cristo são derivados de uma negação da educação, que é uma expressão da função da educação na sociedade composta pelo proletariado e como ela pode ressignificar a existência dos trabalhadores e trabalhadoras, permitindo que sua prole encontre uma experiência existencial com horizontes diversos daqueles encontrados na primeira geração. Como consequência, vimos que há também na obra cultural uma denúncia da situação do ser humano ante a seu trabalho, consequência de um sistema no qual o capital é alienado dos trabalhadores e amontado pelas elites econômicas. Assim, o trabalhador acaba sendo excluído da experiência do fruto de seu trabalho, a não ser em ocasiões específicas.

A expressão poética da canção mostra um duplo sentido no qual a resposta religiosa de Cristo se dá como uma confirmação da denúncia das estruturas pecaminosas da sociedade desigual. Essa mesma experiência mostra uma materialidade da religião, que não é uma alternativa mágica da realidade, mas o encontro correto e corajoso com a existência.

Referências

TILLICH, P. **Teologia da Cultura**. Trad. Jaci Maraschin. São Paulo: Fonte, 2009.

TILLICH, P. **Teologia Sistemática**. 7 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2014.

TADA, Elton Vinicius Sadao; MÜLLER, Veronica Regina. Educação para a infância na América Latina: uma perspectiva a partir da teologia da cultura. **Correlatio**, v. 18, n. 2, p. 109-121, 2019.

Submetido em: 8-8-2022

Aceito em: 30-8-2022